

**Burilada**

**Arte-factos para a  
Sobrevivência**

**Curadoria de**

**Francisco Providência  
Helena Sofia Silva**

**Ensaios de**

**José Bártolo  
João Nunes  
Cláudia Albino  
Rita Filipe**

**Casa do Design de  
Matosinhos**



# Funcionalismo e Design Cultural e... a Catedral Gótica?

Rita Filipe

042

Burilada – arte-factos para a sobrevivência

O mundo afinal não é plano. E a descoberta da esfericidade da Terra revelou uma diversidade cultural e um cosmopolitismo multifuncional e multisimbólico, onde o significado de cada objeto já não pode ser tomado como certo. Longe das grandes narrativas do Estilo Internacional e do Colonialismo, a cultura material é hoje constituída por um panorama de culturas e identidades que conduzem à hibridização das práticas do quotidiano.

Questionar a perenidade do significado e a heterogeneidade do mundo contemporâneo constitui também um argumento para prolongar o tempo de vida dos objetos. Trabalhar sobre a atribuição de valor e sobre a possibilidade de apropriações simbólicas sucessivas, pode contribuir para manter os objetos em uso ao longo de gerações. Questionam-se portanto as formas com funcionalidades fixas, abrindo o uso dos objetos a pessoas com experiências de vida muito diferentes, no espaço e no tempo.

043

Rita Filipe

Assim surgiu o questionar do funcionalismo e da relação forma/função, preferindo o lema forma/uso, que me levou a procurar nas reflexões de alguns autores, dos mais relevantes ao longo dos tempos, outras inquietações ou pressupostos no design, que elucidassem sobre o valor e as preocupações projetuais anteriores ao Funcionalismo. Alguma coisa que tivesse ficado esquecida na História e que fizesse novamente sentido.

E chamaram-me à atenção autores como Waldo Emerson (1803–1882), em "Nature". Um poeta e filósofo Transcendentalista que fala sobre a fluidez da mudança e do 'ser' em constante metamorfose. Sobre a unidade da natureza como a unidade da variedade. E enaltece a experiência subjetiva e o conhecimento intuitivo, em contraste com a experimentação e o pensamento lógico. Desenvolve o conceito de "Transparent Eye" demonstrando a impossibilidade de uma observação não participada.

Para Horatio Greenough (1805–1852) escultor e ensaísta sobre arte, 'a linha reta é a mais suscetível de variações de significado', de extrema flexibilidade, onde o significado é relativo e independente, e não pode ser usado como entidade positiva. Escreve sobre 'a ação como promessa da função'.

John Ruskin (1819–1900), em "The Seven Lamps of Architecture" vê a expressão criativa imbuída de memória e de cultura. Alude ao Gótico como a presença do sublime, do orgânico, do não útil e portanto do não instrumentalizado. Na 'Lâmpada do Sacrifício' faz a apologia do sacrifício do excesso e da razão (do não-útil). O ornamento é visto como experiência cultural, e sua noção de Gótico é comparada ao Pós-Modernismo lúdico e performativo. O capitalismo separa o operário do seu próprio trabalho, o espiritual do secular, os meios dos fins.

William Morris (1836–1906) é o autor de "News from Nowhere", um livro de pensamento utópico e social sobre 'how we live and how we might live'. Fala de uma arte acessível a todos, da beleza e da verdade na manufatura e nos objetos do quotidiano. Uma arte pelo povo e para o povo. Mas finalmente vê-se isolado a trabalhar para 'o luxo imundo dos ricos'.

Para Louis Sullivan (1856–1924) em "The Tall Office Building Artistically Considered", constata que a forma nunca segue a função porque estava instrumentalizada e sujeita a cânones. Para recomençar 'do início' faz um regresso à natureza, e a sua contemplação incita-o a questionar as convenções anteriores, porque a natureza é fluida e em constante mudança, como em Zygmunt Bauman. E promove uma arte que viverá porque será das pessoas, para as pessoas e pelas pessoas. O que não o impediu de se inspirar no Quattrocento italiano para encimar os novos arranha-céus.

Para Ludwig Wittgenstein (1889–1951) o significado assenta no uso, tal como na linguagem. Estabelecem-se redes de utilizadores de linguagem porque o seu significado é partilhado dentro da comunidade. Tal como diferentes culturas atribuem diferentes significados aos objetos. A arte prática refere-se ao utilitário, ao belo, aos modos de vida, aos gestos e ações em todas as situações e culturas. 'Trabalhar com a tradição dá significado às formas'.

Walter Gropius (1883–1969) faz finalmente a aceitação da arte mecânica, e na Bauhaus promove as artes decorativas como a reunião de todas as artes. Por isso a imagem da catedral gótica na capa do Manifesto da Bauhaus, porque alude à herança medieval na integração das artes e ofícios. Vê o Design como uma função social baseada na prática. Desenharam-se produtos 'avant-garde' para todos, fazendo a reunião entre a cultura erudita e a cultura popular. Diferencia-se entre estética do consumo e estética da cultura do consumo.

Ettore Sottsass (1917–2007) vê o design para além do utilitarismo e promove o regresso aos Pré-Rafaelitas e às Arts and Crafts. Vê o design da Bauhaus como para 'uma sociedade burguesa, agradável, pequenina e arrumadinha', excessivamente racional, onde os princípios funcionalistas são aplicados só a questões físicas. Renovar os objetos deve ser um gesto cultural, e apela ao mais profundo funcionalismo – psicológico, cultural ou político. Os objetos Memphis são como objetos de ritual, como as esculturas africanas, e promovem o valor emotivo e artístico, e uma nova função não utilitária. É o início do Design pós-industrial.

A leitura destes autores revelou pressupostos comuns na reflexão sobre o Funcionalismo, onde a procura da verdade, a proximidade entre o artesanato e o seu trabalho, a coerência no uso dos materiais, a justificação da forma e da decoração — propunham um regresso à natureza, como a origem fundamental de todas as coisas. As artes decorativas são vistas como a expressão da reunião entre a arte e a vida. Ambas dinâmicas e fluidas.

Mas a imposição do Funcionalismo e de um Modernismo, que pareciam adequados a um estilo de vida internacional e à higienização das práticas do quotidiano, a par da simplificação formal da produção industrial, onde todos reconhecemos uma espiritualidade que associamos à depuração do quotidiano contemporâneo, conduziu afinal à homogeneização das práticas, da sociedade e da cultura ocidental, numa postura que nada tinha a haver afinal com os primórdios do funcionalismo. Este estudo revelou aspetos poéticos, simbólicos e sociais que não justificam a homogeneização das práticas do quotidiano ou sequer a depuração formal, mas pelo contrário sugerem a verdade numa analogia orgânica com os objetos.

Então, qual deverá ser o novo sentido de uma nova produção? Se os objetos não são desenhados para servir determinada função, então qual a preocupação projetual mais importante? E se as reflexões formais e culturais se referem sobretudo à forma, então o que distingue os objetos de uso dos objetos decorativos que sempre considerámos supérfluos? Ou qual o novo sentido da forma e da beleza dos objetos de uso? Segundo David Hume (1711–1776), o belo nos objetos está relacionado com a sua tendência para produzir um efeito que nos é agradável, o que implica tanto o prazer do utilizador como o bem-estar da sociedade. A relação que estabelecemos com os objetos e o valor que lhes atribuímos pode ser proporcional à conveniência do seu fim e à autenticidade da produção e o efeito de simpatia pode ser gerado pela beleza da oportunidade de sua execução. E é daqui que provirá o sublime, da impressão de uma ideia nos sentidos por força da imaginação. Ou, no contexto desta reflexão, pela tentativa de propor objetos culturalmente

abertos a todos, produzidos em harmonia com a vida das pessoas e pela coerência e sustentabilidade da produção que lhes deu origem. 'Um funcionalismo mais profundo', portanto.



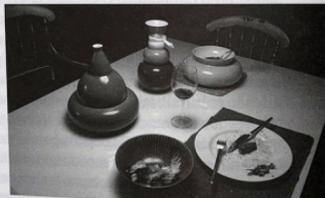
Colocam-se aqui questões sobre como construir novas possibilidades criativas válidas para todos? Como ser alternativo numa sociedade construída por todos e para todos? E como contribuir para a mudança sem alimentar o sistema de consumo de forma tautológica, alimentando o mesmo sistema com mais possibilidades que vão renovar o ciclo infinito do consumo? Porque a proposição de um novo padrão de vida conduz à instrumentalização dos objetos sugerindo novas necessidades e portanto levando a mais consumo. Procura-se então uma alternativa à substituição compulsiva dos objetos, abrاندando o consumo, abrindo as suas possibilidades de uso, acrescentando valor a cada peça, e que cada objeto seja tratado como um produto de valor cultural, emocional e simbólico. Insubstitível portanto.

A promessa da durabilidade da forma e consequente reafirmar do consumo, poderá assentar no trabalho com arquétipos e referências culturais que perdurem no tempo, na 'luta pela perpetuidade' das formas culturais, 'como princípio determinante das hipóteses de difusão cultural', tal como sugere Malinowski (1884–1942). Referências que são reconhecíveis por todos e cuja leitura vai mudando ao longo dos tempos. Os objetos permanecem os mesmos, perdurando no tempo, e é o seu sentido que se altera. Fazem-se novas leituras dos mesmos objetos, como termos de linguagem que mudam de significado de acordo com o contexto, como em Wittgenstein. O significado e a sua função não são fixos portanto, contrariando o conceito da forma/função na gênese das metodologias projetuais. Mas a inspiração nas culturas locais ou tradicionais deve ter o cuidado de evitar o exotismo, e pode ser referida como o 'direito à hospitalidade', como em Homi Bhabha (filósofo indiano a viver em Berlim). Uma visão mais realista e respeitadora do que no Modernismo, que

Fig. 1. Projeto "L'écume des jours" em uso.

significa encarar a esfericidade da Terra e trabalhar sobre a realidade da cultura material em que vivemos atualmente – nas nossas casas, no mercado e no mundo. Sobre a diáspora.

Surge assim o interesse pelo vernacular e pela diferenciação cultural, recusando o exotismo e indo ao encontro das pessoas e das suas práticas. Gun, Wendy, Otto e Smith em "Design Anthropology", que falam-nos do 'estilo do conhecimento', que pode ser identificado como o estudo da diversidade da cultura material numa época pós-colonial. E como a ilustração da alteridade e da diferença cultural que nos rodeia, através das práticas do dinamismo da tradução cultural. Como numa 'antropologia crítica do design'. Promovendo uma observação participada, como instrumento de mudança na sociedade atual, e tornando o design numa prática mais humana e descolonizada através dos instrumentos próprios da antropologia. Tal como em Homi Bhabha, que afirma 'o cosmopolitismo não é o que somos, é o que fazemos. É uma prática política, social, es-



tética, uma prática ética'. Um diálogo cultural em que as pessoas mantêm a sua autenticidade. Fala em hibridização das práticas e não das pessoas. Sempre com ênfase nas práticas e não em identidade. Mas o vernacular e o tradicional não são fixos. Sheldon Pollock fala-nos de um novo indigenismo pós-colonial, de um cosmopolitismo

Fig. 2. Projeto 'L'écume des jours' em uso.

modernizador e de um tradicionalismo vernacular, para mencionar uma nova ligação afetiva às estruturas de pertença. E sobre a urgência da sua recuperação, agora sob perspectivas mais liberais e mais progressistas, através de uma nova ligação com o passado, refletindo sobre o que pode ser alterado ou o que mudou entretanto. Deve ser evitada a hibridização no que se refere a uma amálgama de formas vernaculares, mas trabalhar 'a resistência através da apropriação', como o verdadeiro processo de vernacularização anterior à modernidade.

Mas seremos todos somos capazes de produzir significado e simbolismo no ato de apropriação dos objetos? 'O apparatus retratado por Walter Benjamin perdeu o seu conteúdo crítico porque foi assimilado, devem ser agora propostos sistemas de valor alternativos'. Claire Bishop propõe o artista como um curador que encontra exemplos de criatividade no trabalho de outras pessoas, como experiências válidas por si próprias. Ultrapassando o fosso entre a criatividade de massas e o vanguardismo, como uma avant-garde oposta ao 'mainstream'. Sendo importante não a recuperação de uma identidade instituída mas a justaposição de objetos e imagens em particular, como um novo sistema de representação (cultural). A cultura tradicional seria assim proposta como uma avant-garde 'alternativa' em oposição às indústrias criativas 'mainstream' focadas em novas oportunidades de consumo, como gestos rápidos sem um significado duradouro, nem renovável portanto.

A velocidade ou lentidão da produção é também um aspeto sensível na construção de significado, e na aproximação do artesanato ao seu próprio trabalho. Tanto numa porcelana pintada à mão como numa escultura africana cuja funcionalidade é puramente simbólica, como uma arte funcional, para citar objetos caros e de produção lenta. A velocidade no consumo pode ser motivada pela perda de significado nos objetos, redimindo-nos na quantidade com sacrifício da qualidade. Porque o tempo de laboração proporciona espaço para a construção de valor e significado nos objetos, o que muitas vezes parece incomportável na gestão diária de uma fábrica. Mas

Richard Noble em 'The Politics of Utopia', mostra a importância do pensamento utópico, como uma atitude positiva e programática, que pode ser relevante como elemento de diagnóstico. Confrontando o mundo tal como ele é com aquilo que poderia ser, e sobre a importância de imaginar alternativas, fazendo-nos refletir sobre o que está errado de uma forma positiva, como em William Morris. Em acordo com Jacques Rancière (2011), 'o que parecia ser a necessária simplificação das formas adequadas à produção em série e à produção de objetos bem desenhados e acessíveis a todos, parece ser agora possível através da introdução de um mero sinal de vida, uma expressão do ato criativo, que devolve intencionalidade a estes objetos'.

Será que assistimos aqui de novo ao enunciar da 'catedral gótica'?



Fig.3. Gravação em porcelana, Rita Flipo, 2016.

#### Referências bibliográficas

- Bauman, Zygmunt**  
Liquid Modernity. Cambridge: Polity Press 2000.
- Bhabha, Homi**  
Age of Insecurity. Former West: Documents, Constelations, Prospects - Lecture. Haus der Kulturen der Welt, Berlin: 2013. [vimeo.com/68372144](http://vimeo.com/68372144)
- Bishop, John**  
Antagonism and Relational Aesthetics, October Magazine, Ltd. and Massachusetts Institute of Technology, The Palais de Tokyo, 2004. Nº110. pp. 51-79.
- Bourdieu, Pierre**  
Distinction: A Social Critique of the Judgement of Taste, Harvard: University Press, 1984.
- Bourriaud, Nicolas**  
Esthétique relationnelle, Paris: Les Presses du réel, 1998.
- Burney, Jan, Etienne Sottsass**  
The barbarians and emperors of design. Design Heroes, series edition Martin Pawley. New York: Taplinger Publishing Company, 1991.
- Cantz, Hajo**  
Bauhaus, a conceptual model, Bauhaus archive Berlin / Museum fur Gestaltung, Stiftung Bauhaus Dessau, and Klassik Stiftung Weimar, 2009.
- Chappell, V. C.**  
The Philosophy of David Hume, David Hume edited by, New York: Modern Library, 1963.
- Emerson, Ralph Waldo**  
Nature, 1836. The Oxford Companion to American Literature. Ed. James D. Hart. Rev. Philip W. Leininger. Oxford University Press, 1993. Web [argonauta.edu/instruc/phil02/texts/emerson/nature-emerson-a.html](http://argonauta.edu/instruc/phil02/texts/emerson/nature-emerson-a.html) Introduction. acessado em Junho 2013.
- Gingrich, P.**  
Functionalism and Parsons, in Sociology 250 Subject Notes, University of Regina, 1999. ([regina.ca](http://regina.ca)) acessado em Junho 2013.
- Greenough, Horatio**  
Form and Function: Remarks on Art, Design and Architecture (1947), Los Angeles: University of California Press, 1969 (ed.).
- Gropius, Walter**  
The New Architecture and the Bauhaus, London/NYC: Faber and Faber / NY: Museum of Modern Art, 1936.
- Gunn, Wendy**  
Designology, Theory and Practice, e Tin Ots, Rachel Charlotte Smith. London and New York: Bloomsbury, 2013.
- Hauslin, Oswald**  
"Wittgenstein and the Human Form of Life" London: Routledge 2002.
- Hart, Christopher (ed.)**  
Talcent Parsons. A Collection of Essays in Honour of Talcent Parsons. Chester: Midwash, 2009.
- Hume, David**  
The Philosophy of David Hume, editor V.C. Chappell. New York: Modern Library, 1963.
- King, Anthony**  
The Structure of Social Theory. London: Routledge, 2004.
- Malinowski, Bronislaw**  
Uma teoria científica da cultura, Perspectivas do homem (col.), A scientific theory of culture and other essays, Lisboa: edições 70, 1976.
- Noble, Richard**  
"The Politics of Utopia", 2013. [www.youtube.com/watch?v=0vmlNzDnDQ0](http://www.youtube.com/watch?v=0vmlNzDnDQ0), acessado em 2/11/2016.
- Parsons, Talcott**  
The Social System, London: Routledge, 1951.
- Pullock, Sheldon**  
Cosmopolitan and Vernacular in history, em Cosmopolitanism, Carol A. Breckenridge, Homi K. Bhabha, Dipesh Chakrabarty, North Carolina: ed. Duke University Press, 2002.
- Rancière, Jacques**  
Aesthesis (2011). London: Verso Books, 2013.
- Morris, William**  
News From Nowhere and other writings (1900). London: Penguin Classics, nova edição, 1993.
- Morris, William**  
How We Live and How We Might Live, lecture delivered to the Hammersmith Branch of the Socialist Democratic Federation (S.D.F.) at Redness House, Commonwealth, 1884. <http://www.marxists.org/archive/morris/works/1884/hw/!hw.htm>, acessado em 2/11/2016.
- Ruskin, John**  
The seven lamps of architecture, New York: John Wiley, 1849. E-book: <http://www.archive.org/stream/lampsofarchitecture00rusk/page/n10mode/zip>, acessado em Junho 2013.
- Smith, Adam**  
The Theory of Moral Sentiments, 1759. [www.earlymoderntexts.com/pdf/smith1759.pdf](http://www.earlymoderntexts.com/pdf/smith1759.pdf), acessado em 17/11/2014.
- Sparker, Penny**  
Etienne Sottsass, Jr., London: Design Council, 1982.
- Sullivan, Louis**  
The Tall Office Building Artistically Considered, Lippincott's Magazine, 1896.
- Wittgenstein, Ludwig**  
A lecture on Ethics, Philosophical Review n-76, 1929.

#### Sites consultados

- Bhabha, Homi**  
Age of Insecurity, Berlin: Former West, 2013. <http://vimeo.com/68372144>
- Bishop, Claire**  
Is everyone an artist? Berlin: Former West, 2010. <http://www.formerwest.org/Research/eminists/RussianAesthetics/Revised/Video/IsEveryoneAnArtist>
- Noble, Richard**  
"The Politics of Utopia", Arken Museum of Modern Art, 2013. <http://www.youtube.com/watch?v=0vmlNzDnDQ0>